



# histórias culturais transatlânticas



# Apresentação

**O** dossiê que organizamos para a **Revista USP** traz alguns resultados do projeto de cooperação internacional Transatlantic Cultures. Cultural Histories of the Atlantic World 18th – 21st Centuries, financiado pelas agências Fapesp e ANR (Agence Nationale de la Recherche)<sup>1</sup>. O projeto volta-se à construção de uma plataforma digital, de livre acesso, reunindo narrativas sobre as dinâmicas de circulação cultural que, na época contemporânea, entrelaçaram regiões do espaço atlântico. A plataforma, em fase de experimentação, está baseada na Digital Humanities open platform – TGIR Huma-Num –

vinculada ao CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), na França. Ao lado das equipes brasileira e francesa que compõem o Comitê Editorial, contamos com uma extensa rede de colaboradores, de diferentes países e instituições, convidados a escrever sobre seus temas de pesquisa em uma perspectiva que ilumine a importância dos intercâmbios transnacionais na própria constituição do objeto.

As abordagens desenvolvidas dialogam com correntes hoje em voga no campo da história – as chamadas histórias conectadas, a história transnacional, a história global – que compartilham a crítica aos tradicionais enquadramentos eurocêntricos e desafiam o historiador a explorar novos ângulos de análise e a observar, em meio a tramas de poder profundamente desiguais, as relações multidirecionais constitutivas da modernidade<sup>2</sup>.

Nesse projeto, quisemos fazer da observação do espaço atlântico, a partir de fins do

---

1 O projeto também recebeu o apoio do France Berkeley Fund (2015-2016), do Idex Paris Saclay (2017) e da Maison des Sciences de l'Homme Paris Saclay (2018). Informações adicionais podem ser encontradas no blog <https://tracs.hypotheses.org>.

---

2 Olivier Compagnon, Anaïs Fléchet e Gabriela Pellegrino Soares, "Écrire une histoire culturelle transatlantique (XVIIIe-XXIe siècles): enjeux, défis et méthodes", in *Diogène*, n. 258-259-260, Paris, PUF, 2017.

século XVIII, um laboratório para capturar processos de mundialização e globalização cultural<sup>3</sup>. Processos de mundialização e globalização marcados por linhas de força econômicas e políticas, mas nos quais a Europa e, em seguida, os Estados Unidos, não são vistos como locomotiva de transformações em escala universal. A descentralização do olhar sobre esses processos tem permitido aos historiadores colocar em xeque a ideia dicotômica de centro e periferia, em que à periferia se reserva o lugar da “sala de espera” do progresso, refém de uma concepção unívoca da história, para sublinhar o papel dos diferentes espaços que, sincronicamente articulados, conformam as múltiplas temporalidades modernas<sup>4</sup>.

Os resultados dessa empresa coletiva são apresentados na forma de ensaios analíticos relativos aos saberes, às práticas, aos atores e aos objetos culturais que circularam ou nasceram no seio do espaço atlântico. Nosso objetivo não é traçar um panorama exaustivo desses intercâmbios – o que, naturalmente, seria impossível –, mas propor uma reflexão crítica sobre as circulações e a mundialização cultural, assim como sobre os processos identitários e as fronteiras (políticas, linguísticas, culturais e simbólicas) que contribuíram para o estabelecimento e a renovação dos grandes ares culturais no transcorrer dos últimos séculos.

---

3 Serge Gruzinski, *Les quatre parties du monde. Histoire d'une mondialisation*, Paris, Éditions de la Martinière, 2004; Edmundo O'Gorman, *La invención de la América: el universalismo de la cultura de Occidente*, México D. F., Fondo de Cultura Económica, 1958.

4 Dispeh Chakrabarty, *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*, Princeton, Princeton University Press, 2000. Registramos ainda a referência do importante livro de Gilbert Joseph, Catherine Legrand e Ricardo D. Salvatore, *Close Encounters of Empire: writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations* (Durham, Duke University Press, 1998), que postula deslocamentos do olhar para o tema imperialismo nas relações interamericanas.

Com as abordagens desenvolvidas, é também uma ampliação da história atlântica que almejamos contemplar. Uma ampliação no tempo, em primeiro lugar, contra a visão dominante de uma história atlântica que se limita à época moderna, centrada na colonização das Américas. Em segundo lugar, uma ampliação no espaço, contra um recorte tradicional que privilegia o Hemisfério Norte. Pois é a totalidade do espaço atlântico que temos como horizonte, com seus múltiplos espaços de circulação: o Atlântico Norte, o Atlântico Sul, o *carrefour* caribenho e o espaço euro-latino-americano, entre outros eixos de análise.

Os ensaios reunidos assumem a crítica ao conceito de influência e a opção pelo conceito de “apropriação” cultural, reconhecendo os exercícios ativos de filtro, ressignificação e reelaboração nas instâncias de recepção de ideias, de concepções e linguagens culturais, mesmo em contextos de profundas assimetrias políticas e econômicas e em relações marcadas pelo imperialismo cultural. Por fim, os ensaios voltam-se à atuação dos mediadores culturais, os *passeurs*, que, inseridos em seu tempo e em correlações de poder mais amplas, delineiam caminhos de apropriação e de projeção cultural a partir de diferentes pontos da trama<sup>5</sup>.

Neste dossiê, contamos com seis artigos de pesquisadores brasileiros, membros da equipe ou colaboradores do projeto. Procuramos lançar luz sobre parte dos domínios

---

5 Scarlett O'Phelan Godoy e Carmen Salazar-Soler (eds.), *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú/Instituto Riva-Agüero/Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005. Essa reflexão foi desenvolvida também em: Gabriela Pellegrino Soares, *Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina, século XIX e primeiras décadas do XX*, São Paulo, Intermeios, 2017.

temáticos que a plataforma engloba – os *frameworks*, voltado às nossas ferramentas conceituais de trabalho, ao lado das seções Intelectuais, Música e Cinema.

O dossiê abre-se com a contribuição de Luiz Felipe de Alencastro, “As três eras do Atlântico Sul”. Escrito originalmente em francês e traduzido por Mariana de Moraes Silveira, o texto discute as especificidades históricas do espaço sul-atlântico com base em três períodos. O primeiro deles inicia-se com a chegada de Pedro Álvares Cabral à costa sul-americana, em 1500, e se estende até meados do século XIX, com o fim do tráfico bilateral de escravos entre o Brasil e a África (1850) e a abertura do Canal de Suez (1869). A inauguração de Suez impactou as rotas de navegação e afirmou a “supremacia do Atlântico Norte sobre o conjunto do oceano, levando ao desaparecimento do sistema sul-atlântico”. Esse ambiente configura o segundo período analisado. Um terceiro período é observado a partir das independências das nações africanas e, ainda, do fim do *apartheid* na África do Sul (1991-1994), acontecimentos que favorecem a reemergência dos laços sul-sul no Atlântico, “em um cenário internacional radicalmente modificado pela afirmação política e econômica dos países da África Subsaariana”. Alencastro lança luz, nessa época recente, sobre os laços com o continente africano fomentados, no Brasil, pelos governos do PT. O artigo explora a dimensão cultural das conexões sul-atlânticas, embora se centre, fundamentalmente, na construção do conceito espaço-temporal.

Na sequência, encontramos o texto de José Luis Bendicho Beired, “Fernando Ortiz e a rede transatlântica de intercâmbios”. Intelectual cubano de extraordinária relevância, Fernando Ortiz (1881-1969) é especialmente co-

nhecido pelo conceito de “transculturação”, que cunhou no livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, publicado pela primeira vez em 1940. José Luis Beired enfoca a trajetória do pesquisador, iluminando suas contribuições pioneiras para o estudo da população negra em Cuba, no campo da história e da cultura. A obra e as redes acadêmicas cultivadas por Ortiz transbordaram, em muito, o espaço cubano.

Passamos ao ensaio de Marcos Napolitano, “Cartografias transatlânticas da música popular nas Américas”, produzido como um instigante texto piloto para o projeto franco-brasileiro. O texto percorre territórios da história da música popular em que se captura a circulação e a reinvenção de instrumentos, ritmos e sonoridades. Em particular, o autor coloca em evidência apropriações musicais africanas e europeias (sobretudo ibéricas) nas Américas.

Em “Música de concerto no Brasil: o modernismo musical e suas circulações transatlânticas”, André Egg aborda o movimento de caráter vanguardista associado a duas grandes figuras da Semana de Arte Moderna: Mário de Andrade (1893-1945) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Embora a ideia de brasilidade estivesse no cerne do movimento e da memória que se construiu sobre o mesmo, o artigo objetiva demonstrar a importância da circulação internacional “de ideias e pessoas” no processo que deu corpo, a partir dos anos 1920, ao projeto modernista no universo da música.

“Sarah Maldoror, uma cineasta na diáspora”, de Alessandro de Sousa e Silva, analisa a obra da diretora nascida em Guadalupe, nas Antilhas, no ano de 1939. Embora tenha estudado na Rússia e sua carreira se desenrolasse na França, Maldoror fez da África, da denúncia à violência colonial em meio às guerras de

independência e da afirmação da negritude, dimensões fundamentais de sua produção. Seus documentários voltaram-se também ao retrato da vida de pensadores e artistas, como do poeta como ela franco-caribenho, mas nascido na Martinica, Aimé Césaire (1913-2008).

Encerramos o dossiê com o artigo “O cinema em perspectiva transatlântica: práticas históricas e culturais nas exposições universais”, de Eduardo Morettin, no qual se identificam dimensões que conformam a circulação transnacional do cinema. Pelo prisma das exposições universais, o autor desdobra a narrativa sobre diferentes vetores de mediação envolvidos no processo – da circulação de filmes, textos e teorias aos intercâmbios institucionais, ao papel dos agentes e aos es-

paços de sociabilidade e consumo. No primeiro plano, a narrativa se detém na circulação das representações que inundam a tela, os olhos e, na esteira dos avanços técnicos, tão logo os ouvidos do público.

Esperamos que o dossiê desperte nos leitores o interesse em explorar, no futuro próximo, outras rotas de navegação na plataforma Transatlantic Cultures.

**Gabriela Pellegrino Soares**

(Universidade de São Paulo)

**Anais Fléchet**

(Université Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines)

**Olivier Compagnon**

(Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3)